

# Escola e cinema, entre o real e a ficção

Premiado filme francês faz ecoar os dilemas da escola atual; questões têm reflexo na vivência universitária dos alunos



Cena do filme *Entre os muros da escola*: a crise da instituição escolar é universal

**A** cada ano letivo que se inicia, milhares de professores de universidades brasileiras se deparam com uma situação que, provavelmente, viveram no ano anterior e que voltarão a viver no próximo: a constatação de que os alunos que ingressam no ensino superior não estão, em sua maioria, suficientemente preparados para a empreitada, seja do ponto de vista acadêmico ou de sua maturidade.

Isso requer que muitos docentes façam com esses alunos uma grande revisão de conteúdos que, em tese,

deveriam ser pré-requisitos para o ingresso no ensino superior. Outro problema se apresenta de forma mais crônica e muitas vezes persistirá durante toda a permanência desses alunos na graduação: o comportamento irrequieto, expresso essencialmente pelo entra-e-sai da sala de aula, ou pela permanência desconcentrada e muitas vezes infantilizada.

Apesar de realizado na França e de retratar um universo educacional que, em tese, tem menos problemas que o nosso, *Entre os muros da escola* (*Entre les murs*, 2008), de Laurent Cantet, ga-

nhador da Palma de Ouro de Cannes e um dos concorrentes ao Oscar de melhor filme estrangeiro em 2009, pode ser uma valiosa chave para o entendimento de alguns dos motivos pelos quais nos deparamos com essa recorrência comportamental nas universidades brasileiras. Afinal, os contextos podem ter suas particularidades, mas a crise da instituição escolar e alguns de seus aspectos são universais.

A obra de Cantet mistura narrativa ficcional com técnicas documentais de captação. É baseada no romance de mesmonome, recém-lançado no Brasil

(Editora Martins), de autoria do escritor e ex-docente François Bégaudeau, que atua no filme como professor de língua francesa de uma classe do equivalente ao nosso Ensino Fundamental 2 (o antigo ginásio). A opção por recrutar jovens de uma escola com perfil semelhante ao que o filme retrata e com eles discutir situações e diálogos comuns em sala de aula, registrados em ação contínua, com várias câmeras (sem os cortes comuns e a fragmentação freqüente no processo de realização cinematográfico), ajudou o filme a ganhar corpo como uma narrativa portadora de questões em ebulição na escola atual.

Como bem realça o crítico Sérgio Rizzo em matéria no jornal *Folha de S.Paulo*, "não é da escola que se fala, como em tantos discursos bem-intencionados, mas enviesados. Aqui, é a própria escola que se deixa revelar".

Nesse processo de revelação, dois aspectos, interligados, parecem ser pistas significativas das questões que irão reverberar mais tarde, na chegada desses alunos à universidade, teoricamente a porta de entrada do mundo adulto: o não reconhecimento de que uma linguagem mais elaborada represente o acesso a novos códigos e saberes, cuja apropriação representa um valor em si; a freqüente colocação em xeque (que até certo ponto seria normal, dado que se trata de adolescentes) da autoridade do professor e, por conseguinte, da instituição escolar.

No primeiro caso, uma aluna põe em questão, durante a leitura conjunta de um texto numa aula de língua francesa, o porquê da importância de se dominar o sentido de palavras inusuais em seu dia a dia, que não configurariam um valor em sua comunidade. Mais do que isso, para aquela aluna e para outros que começam a se manifestar em coro, a utilização daqueles vocábulos aparece como forma de segregação social, de manifestação pernóstica de quem os domina, de representação vazia para uma razão prática que lhes serviria para comer, amar, divertir-se ou fazer amizades, enfim, para aquilo que parecem valorar como essencial.

De onde, portanto, extrai-se o recado: qual o sentido de dominar um código construído para excluir a mim e aqueles que me são próximos? Só para aceitar os valores do outro, ser domesticado? Se essa percepção fosse verdadeira - e às vezes ela o é - o domínio da linguagem e seu uso para além das variantes que compõem nosso universo de origem não serviria para alargar os horizontes, para conhecer aquilo que não está próximo, ou para a criar novas opções de sentido para vida, em qualquer plano que se queira: laboral, financeiro, artístico ou humano de modo mais geral.

A Educação Básica falha, portanto, numa construção que será fundamental para que os alunos cheguem à universidade mais maduros e instrumentados para o trabalho acadêmico. Para atestá-

passou de antessala da vida adulta a fase ideal de fruição da vida.

Assim, as relações de sala de aula se horizontalizaram, tornando iguais professores e alunos. Mas se os professores estão no mesmo plano dos alunos, o que podem lhes acrescentar? Se o que se valoriza socialmente é a condição de adolescente, e não a de adulto, que papel desempenham os docentes? Sensíveis a essa mudança de leitura social acerca da importância da escola, cada vez mais os professores se desincumbem de seu papel de adultos, educadores, e assumem a propalada condição de facilitadores do conhecimento.

Se não há mais lugar para que sejam os mestres distantes e invulneráveis da escola dos tempos iniciais da República, tampouco os professores vão cumprir a função de educar se caso se abstenham

## **DOIS ASPECTOS PARECEM SER PISTAS DAS QUESTÕES QUE IRÃO REVERBERAR NA CHEGADA DESSES ALUNOS À UNIVERSIDADE: O NÃO RECONHECIMENTO DA AUTORIDADE DO PROFESSOR E DA LINGUAGEM COMO PORTA DE ACESSO A NOVOS SABERES**

lo, basta ver o espaço físico reservado às bibliotecas na grande maioria das escolas brasileiras. Sobra ao ensino superior a tarefa de reverter ou amenizar uma repulsa a algo que deveria ser uma pré-condição para o ingresso nesse estágio da vida educacional.

No que tange ao confronto à autoridade, expresso no filme por meio das tensões geradas por agressões verbais mútuas entre alunos e professor, este parece ser o tema que mais mobiliza o universo escolar na atualidade, aqui ou alhures. O esfacelamento do reconhecimento dessa autoridade passa por duas questões: a desconstrução do tipo de autoridade que reinou até os 60,70, calcada no poder de coerção do professor (pela notas e pelo código disciplinar), não substituído por um novo sistema legitimado por toda a comunidade escolar (alunos inclusos); e a supervalorização da adolescência no mundo contemporâneo, transmutada como valor social:

de, abrir aos mais novos caminhos para que façam do conhecimento e das relações de respeito ao outro - de cidadania, portanto - um valor em si.

Se não o fizerem, só conseguirão enfatizar as contradições de uma sociedade que diz valorizar o conhecimento, mas reduz o papel social de seu principal agente, o professor; que superdimensiona a importância da aquisição de um diploma, qualquer que seja ele, mas não a vincula aos saberes que sua conquista deveria implicar; que não distingue o que é real em relação ao aprendizado do que é meramente fantasioso.

Ao contrário do filme de Cantet, que utiliza muito bem a porosidade das fronteiras entre real e ficção até mesmo para desafiar os alunos/atores a criar urna representação vivida da escola. •

**Rubem Barros** é editor das revistas *Educação B Escola Pública*. Mestrando em Ciências da Comunicação na USP